

JUVENTUDE

UMA VOZ JUVENIL
NO MUNDO CRISTÃO.

Nºs 5 e 6

Agosto/Dezembro
1962

DIRECTOR.....Joaquim P. Silva
ADMINISTRADOR.....Joaquim Guimarães

SUMÁRIO:

- EDITORIAL
- NOTA DA REDACÇÃO
- DIVIRTA-SE UM POUCO
- INTERCAMBIO DE JUVENTUDE
- A VIDA - NARRATIVA
- PALAVRAS CRUZADAS - DISTRAIA-SE UM POUCO
- VÉSPERA DE NATAL - CONTO
- CONCURSOS
- GUARDE PARA SI - DISTRAIA-SE UM POUCO
- VICTÓRIA - CONTO
- MEU QUERIDO PAPAI NOEL - UMA CARTA
- TEMAS DE HOJE - A ARTE
- A MÃO ESTENDIDA - POESIA
- ENTREVISTA
- PARTESTE - NARRATIVA
- ANTOLOGIA
- NATAL - SONETO
- GRAVEIRA DO TEMPO - NARRATIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
AV. MARCELO CARMONA, 1158
VILA NOVA DE CAIA

EDITORIAL

TENTATIVA PARA EQUACIONAR UMA
 PROBLEMATICA DOS METODOS DE
 PENSAMENTO DE UMA JUVENTUDE CRISTA MILITANTE:

A fuga da Igreja operada pela Juventude de hoje é um facto que já se vai tornando notório.

Várias causas se apontam para tal procedimento: a má orientação dos pais, a deficiente preparação dos professores das Escolas Dominicais, determinadas atitudes menos cristãs praticadas contra ela por parte dos mais velhos, a incompreensão dos seus ideais, e muitas outras que, pela sua mesquinhez e mínima importância, não são dignas de citação. Parece até, que existem muitas pessoas que apenas se limitam em formular causas esquecendo o que é mais difícil, mas primordial: a aniquilação dessas mesmas causas.

Decerto que a ninguém passa despercebido o ritmo estonteante como a vida se processa, os movimentos surgem, as ideias afloram, as leis se formam, modificando estruturas, condenando processos - já antiquados, diz-se. A febre das novas vagas - que se aceitam indiscutivelmente e até com fanatismo - prolifera por esse mundo fora ex-tasiando os novos, contaminando os velhos.

Não são raras as vezes que nos interrogamos a nós mesmos sobre a conduta a trilhar em face de determinado problema. Para um outro qualquer, o que para nós, Cristãos, é dificuldade e incerteza, não significa o mínimo obstáculo, pois o que interessa para a efectivação de tal

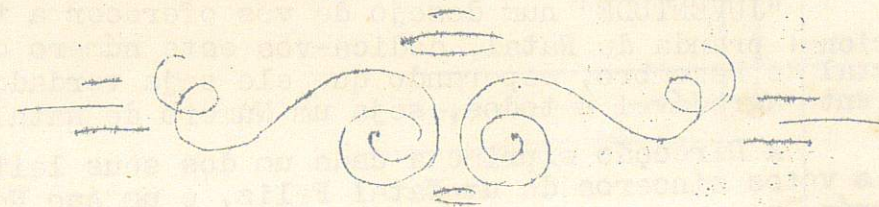
acto, é que os outros a aprovem, e refutem de acertada.

Porém, para o Jovem Cristão, estes problemas não poderão ser sanados com tal ânimo leve e desenfreado optimismo. Não! Terão de ser ponderados - e bem ponderados.

Então, qual é a solução?

Fugir deles? Nunca. Isso corresponderia ao combate à sua própria essência. Além disso, tal resolução não se coaduna com a nossa natureza de servos de Cristo. Se assim procedemos chegaríamos a uma conclusão errada, donde resultaria uma atitude desesperada de completa negação da fé. Temos de chegar a um fim, mas positivo.

O Jovem Cristão vive, e dá o seu testemunho no meio das fraquezas mundanas, das asperezas da vida e do condicionalismo imposto por esta. Logo, a gente moça deve ser familiarizada com essas concepções e simultaneamente informada de, como Cristão, deve interpretá-las, usá-las e reagir em face delas. Em suma: é necessário preparação tanto no ponto de vista espiritual, como no moral e social. Sim, é imprescindível um sólido ensinamento que mostre à geração de hoje, homens e mulheres de amanhã, o caminho a trilhar para uma actuação consciã a par de uma firme posição de verdadeiros filhos de Deus.



INTERCAMBIO

Atenção caro leitor!

D. E.

És jovem?

Costas de contactar com outros jovens como tu?

Sabias que é no contacto mantido por correspondência que surgem maiores possibilidades de satisfação intelectual?

Então envia-nos para a Redacção as respostas que possam satisfazer os dados abaixo formulados, as quais deverão levar bem visível, o pseudónimo de referência do teu futuro correspondente, e... terás possibilidades de usufruir, como já fizeram outros leitores, essa satisfação que existe do contacto por correspondência com outros jovens de longe.

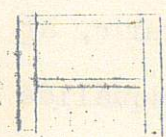
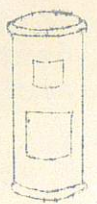
Vós outros que quereis travar conhecimento com gente nova, enviai para a Redacção o vosso endereço e dados pessoais, dizendo-nos qual a espécie de correspondente que desejais. Querendo, enviai o vosso pseudónimo.

Sintra

Desejo corresponder-me com : "tripeira", 16-17 anos com estatuta mediana, de preferência estudante. Tenho 17 anos, 1,75 de altura.

V. N. de Gaia

Gostaria de corresponder-me com : moça de 16-19 anos cursando Escola média ou superior. Tenho 19 anos, frequento o Instituto.



ARTUR BAPTISTA - Nascido em 1942. Aluno da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Curso de Arquitectura.

Sai.

Segundo plano pré-estabelecido?

Não!

Sai sim de casa sem outro fim que não fosse o de preencher um lazer, e de dar um pouco de descanço ao espírito, até então tão ocupado pelos trabalhos escolares.

Desci até ao centro da cidade, tão indiferente tão maquinal, que senti que esse percurso tinha sido feito com uma inconstancia atroz.

Procurei então algo onde pudesse sentir-me, mas sentir-me sem me cansar, onde pudesse sonhar, Encaminei os meus passos para o Porto Antigo, a que tinha ouvido chamar belo, pitoresco e original.

Andando, sonhava que ia viver a beleza de cada um desses recantos, o pitoresco de cada candeeiro da esquina.

Cheguei.

Foi nesta altura que eu deixei o sonho e entrei efectivamente na vida real.

Eu exestia, vivia, porque o meu descontrôle se identificava totalmente com o da vida.

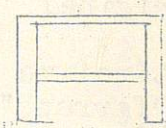
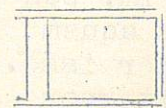
Procurava descansar os olhos num original, pitoresco e belo Porto Antigo, e tal descanso seria tão merecido quanto o necessitavam olhos que durante horas se tinham deslocado activamente, através das descontínuas, embora quase homogéneas linhas de um livro... de estudo.

Não foi o prazer do extase, da contemplação do belo, de uma sublime admiração o que afinal me veio a prender e desde o primeiro momento; foi, sim, uma vida intensa que se sentia borbulhar em cada um, mas mais ainda em todos.

Vi, desde os que passeavam aos que corriam apressados, dos que lançavam o seu pregão aos que proferiam a blasfémia ou a palavra obscena, enfim, dos que vivem, dos que vegetam;



II



E
N
T
R
E

Vi lá, os que compram e as que vendem amor, ar-
 rondando as esquinas.
 Vi os desempregados, rotos, de barba esquelida
 e olhos mortos. Vi os doentes, empregados, esperando o fim.
 Mesmo em frente a mim estava um desses homens,
 entalado, tornado farrapo de corpo, e que talvez ainda fosse
 um farrapo de espírito.

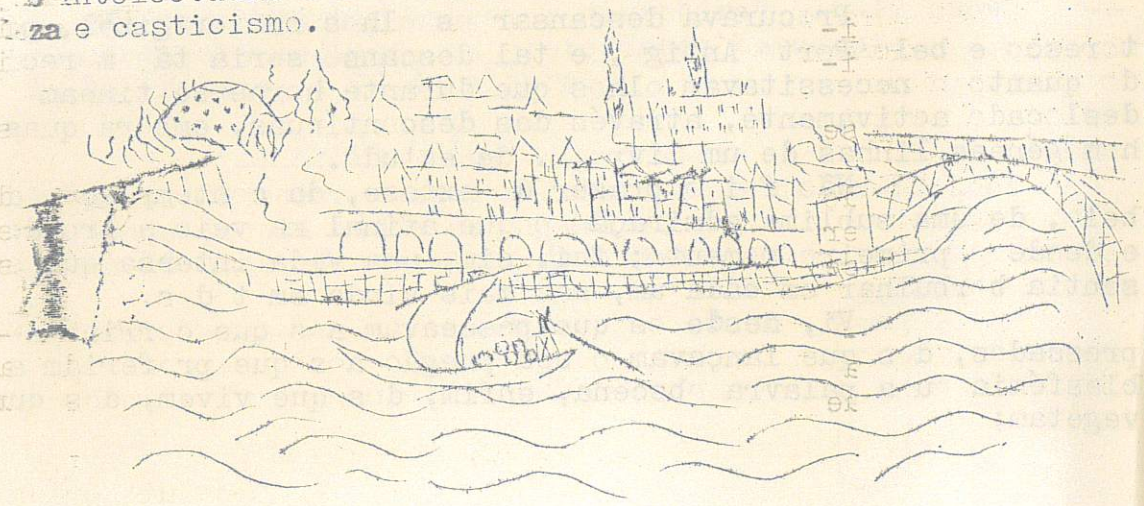
Como poderia eu sonhar perante um espectáculo
 real e tão horrível?

E senti-me triste por ter um irmão assim. pen-
 sei então como os homens conseguem bestializar aqueles a quem
 chamam irmãos, sem todavia se sentirem responsáveis por isso.
 pensei em como podem eles passar lá e reparar no pitoresco
 das vielas, nos seus candieiros castiços, e no seu original
 aspecto de conjunto.

Fiquei triste, senti-me cansado, e retirei-me
 abotante, por ser um só, senti o pouco ou muito de "farrapo"
 de cada um de nós tem realmente dentro de si.

Confiei o problema à juventude de hoje, para
 amanhã não houvesse homens cuja única esperança fosse a
 sorte, esses homens-farrapos que tanto me impressionaram;

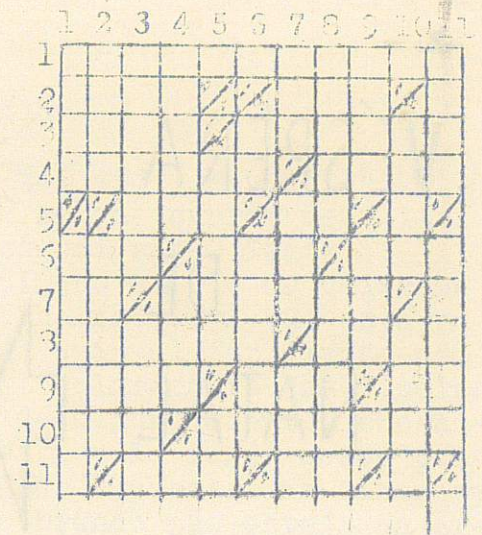
Para que amanhã também o homem do Porto Antigo
 pudesse sonhar, para que, no futuro, outros que não eu possam
 ir até ao Porto Antigo para descansar um pouco das suas fadi-
 gas intelectuais e físicas, encontrando nele originalidade, be-
 liza e casticismo.



CANCINCRAS

PALAVRAS

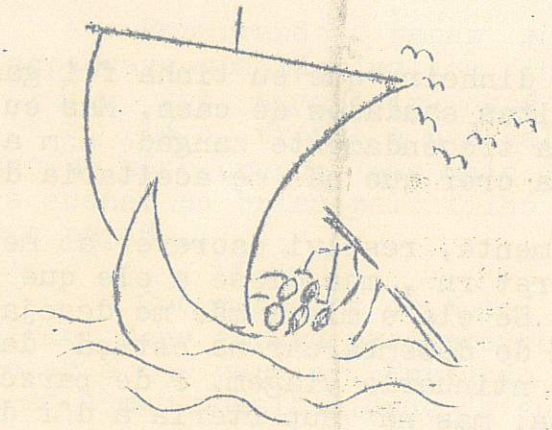
VERTICAIS



1. difícil (fem.); de todos os dias
2. nome de mulher (pl.); colher
3. concededores; levantar
4. separa; reza
5. marisco; artigo antigo
6. consoante dobrada; iras
7. nome de letra; vista; segura
8. sem valor; do nariz
9. imperador da Rússia; errado
10. concedido; raiva
11. rodas; cumprimento.

HORIZONTAIS

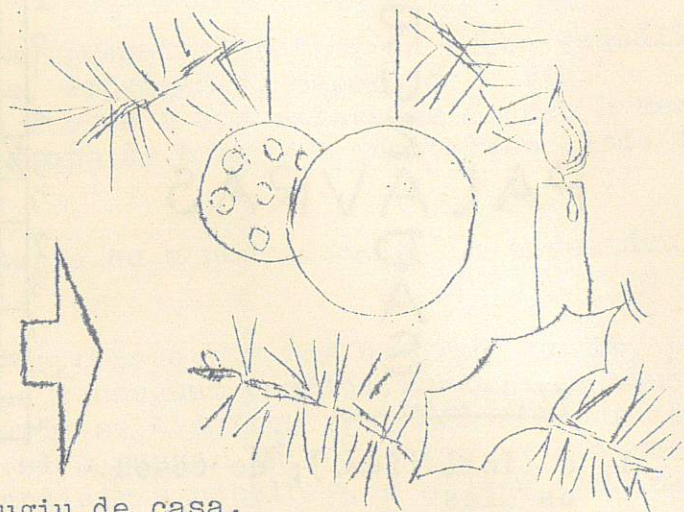
1. força contrária
2. adoras; claridade
3. cauda; lacrado
4. orfanatos; pedra do altar
5. anagrama de são; vogal (pl.)
6. pena(pl.); porco(pl); pedra de moinho(pl)
7. duas letras de PIÃO; manda
8. arremessai; levantou voo
9. qualidade; anagrama de são; consoante dobrada
10. raiva; local de desportos
11. descrição; o mais.



Secção: DISTRAIA-SE UM POUCO, a cargo de:
 Joaquim Guimarães

- 1 -

VÉSPERA DE NATAL



Um jovem fugiu de casa.

Agora era véspera de Natal e ele tomava o comboio de volta a olhar. Havia um companheiro de banco a seu lado. Descobriu o rapaz em breve, que era um ministro do Evangelho. De conversa em conversa, desabrochou entre ambos uma amizade que permitiu que o nosso juvenzinho revelasse ao ministro alguns dos seus problemas.

- Eu sei que não mereço grande coisa neste Natal, disse o rapaz, mas não posso deixar de desejar que fosse como os Natais passados. Eu fugi de casa há quatro meses porque cansei da escola e de todas as minhas obrigações.

E continuou:

- O pouco de dinheiro que eu tinha foi gasto e eu fiquei com muitas saudades de casa. Mas eu sei que o meu pai estava tremendamente zangado com a minha aventura e cheguei a crer que não me aceitaria de volta em casa.

- Mas, finalmente, resolvi escrever ao meu pai. Não dei um endereço de retorno, mas disse a ele que estaria hoje neste comboio. Se ele e minha mãe me desejassem o regresso, eu haveria de desembarcar na estação da minha cidade. Se não, eu continuaria viagem. Pode parecer-me uma ideia meio esquisita, mas não suportaria a dor de uma carta de meu pai dizendo que não me queria mais. Pensei

que assim seria mais fácil para todos nós. Mas... agora estou com medo...

O ministro de Deus olhou o seu jovem amigo com compaixão e disse:

- De que é que você tem medo, meu filho?

- Tenho medo que não me vão querer de volta.

- Mas como é que você vai saber isso?

- Eu disse ao meu pai que se ele me quizesse de volta, que atasse um pano na velha macieira que está no quintal dos fundos da casa. O nosso quintal faz divisa com o caminho de ferro, e pode ser visto claramente das janelas do comboio. Nós estaremos, dentro de alguns minutos chegando à minha cidade e o comboio passará pelo fundo desse quintal. Estamos quase lá - mas não tenho a coragem de olhar pela janela. Tenho receio que o pano branco não esteja na árvore!

Os olhos do pastor se orvalharam: não se preocupou, meu filho. Você não precisa olhar. Eu serei os seus olhos. Eu direi se o pano branco está ou não amarrado à macieira.

O comboio estava diminuindo a sua marcha quando entrou numa curva. O ministro forçou a vista para ver se enxergava a macieira. Mas não teria tido necessidade de tanto esforço, pois um homem quase cego poderia ter visto aquela árvore.

Empurrando o rapaz em direcção à janela, enquanto esparcava uma lágrima dos olhos, o ministro clamou:

Olhe, a macieira está toda em flor!

Lá no tronco e nos galhos da velha árvore flutuava não um pano branco, mas mais de cinquenta. Eram bandeiras a acenar na brisa pelo filho pródigo, com promessas de amor e perdão.

Que mensagem de Natal maravilhosa nos traz esta história! Deus espera pacientemente o nosso retorno para nos receber e nos perdoar. Enviando o seu Filho ao mundo, ele deu ao homem possibilidade de ser reconciliado consigo mesmo.

C
O
N
C
U
R
S
O

Queres um prémio?

Por motivo de ordem particular, sentimos ne-
cessidade de mudar o título à nossa Revistazinha.

Numa tentativa para que os leitores não vi-
essem a estranhar essa mudança, resolvemos levar a
concurso entre todos vós a escolha de um nome sugesti-
vo para o Jornal.

Todos são convidados a enviar para a Redac-
ção de "JUVENTUDE" por carta, o vosso endereço, junta-
mente com o nome por vós escolhido. Ao concorrente
que apresente a melhor sugestão, será o prémio entre-
gue a designar no próximo número.

.....

Este segundo concurso consta de uma tentati-
va de angariação de assinantes para "JUVENTUDE".

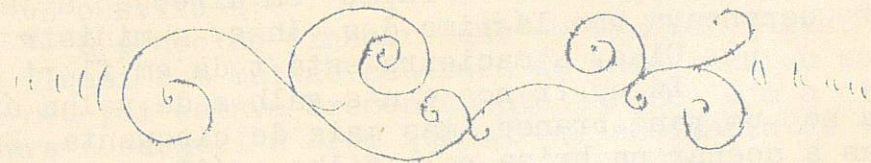
A todos aqueles que conseguirem assinantes
em número superior a dez, será entregue um prémio.

Aquilo que finalmente apresentar maior nú-
mero, esse terá também um prémio especial.

As assinaturas entrarão em vigor a partir
de Janeiro do próximo ano.

Cada assinatura anual custará a quantia de
10\$00.

Contribui, caro leitor, para que possamos
atingir um bom número de exemplares, de modo que a
nossa tiragem, possa ser feita em maior escala.



" HÁ UMA FATALIDADE ACERCA DAS BOAS RESOLUÇÕES :

SÃO SEMPRE FEITAS MUITO TARDE "

Oscar Wilde

G
U
A
R
D
E
P
A
R
A

O maior edifício do mundo, fica situado na ci-
dade Nort. Americana de Nova York. Baptizado com o
nome de Empire State Building, esta grandiosa cons-
trução impressiona em tudo o que lhe diz respeito.

Situado numa das principais artérias de Nova
York, a quinta avenida, ocupa uma área de 800 me-
tros, quadrados.

Tem 102 andares e uma altura de 380 metros,
altura esta acrescida de uma torre de televisão no
topo do edificio, que para não destoar do conjunto,
possue também impressionantes dimensões. A torre tem
de altura 58 metros, o que eleva aproximadamente pa-
ra 448 metros a altura do prédio.

Cerca de um milhão de visitantes sobem anual-
mente à plataforma, por um dos 72 elevadores do edi-
ficio, evitando os 1 850 degraus contados do andar
terço ao 102º.

A estrutura, totalmente em aço, gastou 50 mi-
lhões de quilos, e ficou pronta em 6 meses. Há 5 150
quilómetros, de fios telefónicos, um homem que traba-
lha 8 horas por dia, só para substituir as lampadas
queimadas, e 300 mulheres são necessárias para, to-
das as noites, varrerem o edificio.

A torre é tão alta, que de lá se podem avist-
tar todas as elevações de terreno a uma distancia de
40 quilómetros. A temperatura, é mais baixa, em média
4 graus em cima que ao nível da rua. Em 1945 um avi-
ão bombardeiro, chocou contra o edificio á altura do
78º andar, devido ao nevoeiro, e a prova irrefutável
da sua solidez, foi, que 7 andares abaixo ninguém no-
tou o violento embate.

S
I
.....

FERNANDO SOARSE - Nascido em 1943. Aluno do Instituto Comercial. Igreja Lusitana

✓
=
C
=
R
=
A

Naquele fim de tarde, a calma fazia-se sentir profunda e inclemente. Parecia um dom irreal provocado antes pela consciência justiceira do homem, do que por quaisquer fenômenos atmosféricos; assemelhava-se a uma ideia fixa - necessidade de paz, a um clarão de esperança para os corações inconstantes, a um fantasma terrível para os vencidos.

Naquele ambiente, ele caminhava.

O troar dos canhões tinha cessado e a vitória, por fim decidira-se. A vitória, grande coisa, enchia de júbilo todas as mentes, alegrava todas as faces - num lado; surgia implacável, qual espada mortífera - no outro. A qualidade abstracta daquela palavra é verdadeiramente notória no aspecto daquele soldado, mais parecendo um pedinte, esfarrapado, friorento com a face demarcada pelas rugas, cabelo hirsuto e com o olhar longínquo e algo de anormal. Pertencia ao exército vencedor.

Ele continuava caminhando, devagar, compassivamente, como se passasse por um jardim florido e fresco, à sombra de inúmeras árvores. De vez em quando estremecia, de frio ou de frio, talvez não soubesse.

Na penumbrosa noite, tudo aquilo que de dia condenamos, aparece. Aparece misticamente, horrorosamente. Pensamentos e as visões assaltam-nos, estabelecem conflitos dentroem a mente cansada e febril. A noite e a morte emparavam maravilhosamente, digamos, se confundiam. se por um lado a primeira se estabelecia negra e temerosa, por outro, a morte, horrenda e monstruosa, pairava, enchendo de desolação tudo quanto o rodeava.

Mas ele caminhava sempre, não sabia porquê. Era uma força estranha que o impelia, que o guiava, que lhe indicava o caminho desconhecido.

Parou também se m razão para tal.

Sentou-se, sentindo que qualquer coisa oprimia o peito, o vencia. Agora o silêncio era mais estarrecedor e pesava com chumbo. Porém, um gemido altera a placidez e seriedade do momento. E o carquético ser é chamado ao real.

Olha em volta e descobre um corpo inerte que lhe pareceu ser de homem. Ajoelhou-se e procurou saber quem se encontrava ali, gelado, talvez ferido.

- Maldição! - bradou.

Tudo naquela noite primava em martirizá-lo.

Era um inimigo

Levantou-se lançando-lhe um olhar misto de desprezo e ódio. O gemido seguiu ainda outra vez.

Olhava agora em frente, com as faces contraídas, como se procurasse no infinito a resposta à pergunta que no seu íntimo lhe esta a sendo feita.

Inimigo! - murmurava; Inimigo! Inimigo! - e o tom de voz ia subindo tornando-se quase perceptível. Com rapidez ajoelhou-se novamente. Limpou-lhe a lama que lhe manchava o rosto; ergeu-o, deu-lhe de beber. O estrangeiro estremeceu, o vencido fitava o vencedor com os olhos rasos de lágrimas de agradecimento. Cobriu-o com uma pequena manta.

Tudo fizera num apice, como o ladrão quando rouba. Mas a palavra continuava bailando-lhe no espírito, escaldando-lhe os lábios - Inimigo!

Deu alguns passos e parou. Então, uma série de pensamentos concernentes aos belos tempos passados na sua distante aldeia, prepassaram-lhe pela mente exausta.

Chorava, sem saber.

A noite escura continuou, o céu há pouco repleto de negras nuvens, tornou-se límpido, o vento parou.

.....

Belo sonho - gracejaram.

Realmente senti-me um pouco envergonhado por tê-lo contado, mas... um dos rapazes do grupo retira-se silenciosamente.

Segui-o reparando na tristeza de que era possuído.

Parou, levantou a cabeça e do interior daquela farda, ouviu-se uma voz firme que cantava baixo, mas melodiosamente:

Nasce Jesus

Nasce Jesus

Glória a Deus nas alturas.....

E as lágrimas molavam-lhe face abaixo, sentidas:

Era Noite de Natal.

----- oOo -----

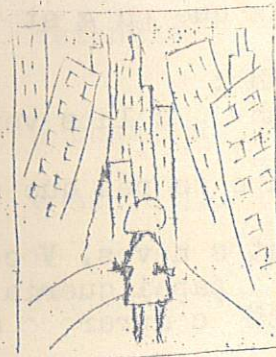
Procura caminhar através de um livro, em lugar de correr velozmente pelas suas páginas: não o terminarás tão depressa mas descobrirás muita coisa que nunca observaste antes, adquirindo ao mesmo tempo uma sensação nova fresca e saudável - a de ter conseguido um êxito pessoal

CLITON FADIMAN

-X-X-X-X-X-X-X-X-X-

Há no mundo dois poderes - a espada e o espírito. O espírito tem sempre vencido a espada.

NAPOLEÃO



Variações em torno do Natal, na cabeça de um anjinho do asfalto e prédio de apartamento, numa era materializada e fútil...

Meu querido Papai Noel

Sou uma mininha que gosta de voce. Eu te conheço de "goda-fia" e te acho bonito. Também te vi na loja "Sierse" naquele ano, mas eu era aquela que chorava porque tinha medo da tua barba..

Eu queria o pirolito e também te queria vé de perto, mas outra vez senta cá em baixo porque lá no alto eu não alcanço.

Tuxa, como voce demora para chegá!

O pirolito eu pedi e mamãe comprou.

Voce mora no deserto onde camel anda e onde não tem "alto-movil" nem nada? Porque voce não vem de "ombiscu"? E gostoso virá naquela rodinha que faiz "Tlik" perto do cobradê.

Quando chegar na minha casa, toca a "pancainha" porque a gente vamos ao cinema para fazé horas.

O patinete se quizé traga que eu gosto. So que não sei onde cair porque não tem muito espaço.

Me traz outra boneca ou um boneco, de gorinho, de chupetinha, com uma Florzinha na mão?

Gostaria também de ganhá um "pinduar" como o da mamãe, de "bangu" e outra camisolinha de dormir porque a quella de pintinha encolheu.

Deixa os presentes em cima do "criado mudo" para eu encontrá quando a gente acorda.

Vou cubri o "criado mudo" com um bonito pano "engordado" e na sala vou por uma árvore cheia de bolotinhas.

Não gaste mais de um "custã" com migo se não falta para os outros mininos.

Invente outra coisa e traiz que eu gosto de tu

Eu sou uma minina assimzinho:

A minha altura é alta, tenho os olhos verde e

boca rosa.

O rabo de cavalo na cabeça e os pés que cresce

crese.

Tanto que ganhei dois sapatos novos. Voce viu?

Eu queria o vermelho, mas papai queria o

branco e a mamãe o cor de mostarda. Então comprei o de ver-

de.

O lapis de cor já ganhei no ano passado Mas

eu os mordi tudo.

Junto com os lapis manda tambem uma boracha pa-

ra "pagá" os erro, daquelas que tem um alifante que cheira

Bem.

Eu vi na rua um livro de historia bonitiinhos

Era "a gata borraralhera" e "Branca de neve"

Eu vi os ancos no tiatro aquele dia e coitada

— gata, perdeu o sapatinho mas depois veio o principe. E-

les puzer a Branca de neve no caichão de vidro. Mas a ma-

casta mordeu a maçan.

Bem feito!

Quem manda ser bruxa?

Os ancos eram o atchim, a seneca, o zangado,

estro e o dunga.

Espere aí, vou perguntá a mamãe o nome dos ou-

tro que eu não se alembro.

Eu tinha dois pintinhos mas um o gato comeu.

Traiz outro para mi? So ficou o Pif, falta o

af.

Também aquele passarinho que caiu do telhado

e puz na gaiola.

Mas ele ainda mamava então dei leite para ele

mas no outro dia bateu a bota. Queria um passarinho novo. O

senhor tem um azul com bico amarelo?

Eu estou na escola. A fessora contou para o

senhor que fiz uma prova muito micha?

Então os animais uteis não são a vaca a ove-

lha e a cabra?

Por causa da carne e do chifre, não é? Então!

Não sei se vou passá para o segundo ano, não

sei não;

Encrenquei na tabuada.

O senhor, papai noel, já foi na escola? Chi.....

é chato não é?

Eu gosto de bincá com a natalia com alechandra

e as outras minina.

As vezes elas ficam de mal mas a gente não liga.

Se não pudé trazê os presentes não faiz mal eu

fiquerei mesmo alegre.

O senhor é muito bonzinho.

Eu se accontento com os presentes tão lindos!

O outro anão chamase feliz e o outro dengoso.

Até logo quirido papai noel.

Te espero e te mando um beijo, e um abraço bem a-

pertado, e depois vou ver no "criado do mudo" os presentes

e te agradeço.

Até logo quirido papai noel.

Lembranças ao ninino jesus na estrelinha do ceu.

Feliz anovoe para seus filhinhos tambem.

Te beija.

Barbara Flavia

- Reprodução de "FLÂMULA JUVENIL -



" ESTAMOS, POIS, NA ENCRUZILHADA.

TOMAREMOS O CAMINHO DA PAZ OU CONTINUAREMOS NA VELHA

ESTRADA DA FORÇA BRUTA, TÃO INDIGNA DA NOSSA CIVILLIZAÇÃO.

ISTO DEPENDE INTEIRAMENTE DE NÓS ! "

Albert Einstein

A
M
Ã
O
E
S
T
E
N
D
I
D
A

Era já noite
A mãe estendida, descarnada
Lá estava.
Pedia,
Mas ninguém dava.

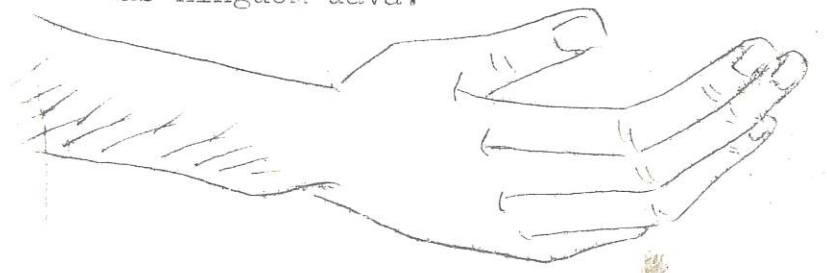
As gentes passavam
Num vai-vem continuo.
E ela não esmorecia;
Pedia,
Mas ninguém dava.

Naquela noite,
Quem poderia preocupar-se com tal,
Com um velho,
Que pedia,
Mas ninguém dava?

Quem se cederia
das suas dores, das suas feridas?
Ele não desistia.
Pedia,
Mas ninguém dava.

Quem lhe daria para ele?
Quem o teria com misero humano?
Ninguém, nem talvez o que, com ele,
Pedia,
Mas ninguém dava.

Em casa tudo teria de estar em ordem:
Mesa bem posta, iguarias prontas,
Os filhos bem acanhoados.
Ele... pedia,
Mas ninguém dava.



Hoje, nem resp' sta encontrou
Ninguém lhe ligou.
E ele chorando,
Pedia,
Mas ninguém dava.

É que, como os outros,
Ele tinha filhos,
Para os quais, tiritando de frio,
Pedia,
Mas ninguém dava.

É que, como para os outros,
Jesus - a quem amava - tinha nascido.
Eles, mesas recheadas, comiam:
O velho pedia,
Mas ninguém dava.

Eis! Era Natal
Os sinos redobravam
Assinalando a Boa Noiva;
E ele pedia,
Mas ninguém dava.

"paz aos homens a quem Ele quer bem"

Ouvia-se cantar.

E a mãe estendida
Descarnada e fria,
Lá estava:
Pedia,
Mas ninguém dava.

Fernando Soares

ENTREVISTA

Principiamos neste número uma série de entrevistas, cremos serem de interesse para os leitores amigos.

Nesta secção procuraremos abordar assuntos de utilidade para a Juventude Evangélica e, por vezes até ouvir, quem que, devidamente habilitado nos possa elucidar acerca de algo proveitoso para todos nós.

Ac iniciarmos este trabalho tentámos fazê-lo conscienciosamente e, para tanto, visitámos alguém com grande experiência crista e de quem conseguimos valiosos ensinamentos - Rev.º Bispo D. António Ferreira Fiandor.

Instigado acerca da possibilidade de uma entrevista para o nosso Jornal, desde logo se prontificou para demonstrando assim uma acentuada vontade de trabalhar com a Juventude Crista.

O Rev.º Bispo D. António F. Fiandor aderiu ainda muito novo à Igreja de que Deus o fez prelado. Foi inscrito em 1908 e ordenado em 1911 por s.g. o Arcebispo Armagh, Lord Gregg, depois de ter cursado Teologia de 1906 a 1907. Sucedeu em 1923 ao Rev. Diogo Cassels no cargo da Igreja Lusitana de S. Joao Evangelista, assim como na direcção e professorado da Escola do Torne, anexa à Igreja, cargos em que sempre demonstrou grande eficiência e profunda fé em Deus, pondo em tudo o seu coração a sua vida.

Devido às grandes qualidades que sempre evidenciou na expansão do Reino de Deus, foi S.ª Ex.ª Rev.ª eleito pelo Sínodo da Igreja Lusitana em 1 de Novembro de 1957 e sagrado prelado da mesma em 22 de Junho de 1958 na Igreja de S. Paulo em Lisboa, hoje catedral, tendo sido oficiante o Rev.º Il.º Dr. D. Plínio Lauer Silva da Igreja Episcopal Brasileira.

Trata nos é recordar que esta cotada personagem da Igreja Lusitana principiou, como nós, na Direcção e Redacção da Revista Interconfessional (aliás, como a nossa)

"Luz e Verdade" que se publicou durante 20 anos. Colaborou também em muitos outros jornais. Da vasta actividade literária que desenvolveu, apontamos a sua qualidade de membro da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Não alongando mais estas considerações, passamos imediatamente a expor os apontamentos da nossa reportagem.

Num ambiente bastante familiar e convidativo, fomos cordialmente recebidos por S.ª Ex.ª Rev.ª e, permitam-nos vincar que a cada pergunta nossa vinha uma resposta franca e amigável onde a clareza e objectividade marcavam posição.

1ª Perg. - Qual a diferença pensa existir entre a Juventude de ontem (do seu tempo) e a actual?

Resp. - A Juventude é sempre a mesma, as circunstâncias que a rodeiam e os tempos, é que fazem diferença. Outrora, a Juventude não tinha tantos meios ao seu alcance como agora, nem tantas facilidades a atraí-la, por isso, mais modestia nas suas pretensões, nos seus costumes e usos. Hoje, com tantas portas abertas e a convidá-la, é muito mais fácil perder o seu aspecto moral, social e espiritual e afastar-se duma formação de carácter honesto e disciplinar em que deve basear os princípios de uma vida crista em crescimento e prática.

2ª Perg. - Qual o maior problema desta mesma, a actual?

Resp. - No meu tempo, pelas razões expostas, a Juventude era menos exigente e vivia, mais possivelmente, dentro da sua natural modestia. Hoje, lança-se nas paixões para que é malevolamente convidada e deixa-se com mais facilidade arrastar por elas.

3ª Perg. - Quais as possíveis soluções para a resolução desse e de quaisquer outros problemas?

Resp. - Em minha opinião, é dar-lhe um conhecimento claro, franco e evidente dos perigos que a cercam e tentam, e revelar-lhe, com lealdade, os princípios de justiça, de amor e fé, que

melhor forma o seu carácter, procedimento e acção.

1ª Perg - Quais as atitudes que devem ser tomadas para com a Juventude, por parte da Igreja?

Rêsp - Os irmãos na fé, mais velhos em idade e experiência, terem o maior e mais prudente cuidado em dar, em actos de vida social, moral e religioso, o exemplo duma atitude crista, duma fé religiosa, não convencional e formalista, mas praticante.

São as atitudes mais que as palavras, que falam, pregam e anunciam o Evangelho. Por isso, aos irmãos mais velhos que, de facto, constituem a Igreja, pertence esta responsabilidade e trabalho.

2ª Perg - Qual será a atitude da Juventude perante a Igreja?

Rêsp - Executando e seguindo as palavras de amor dos seus irmãos na fé mais velhos e seguindo os seus exemplos, reconhecidamente bons.

3ª Perg - Qual deverá ser a nossa posição de Jovens Cristãos, para com os que o não são?

Rêsp - Perante os outros jovens não cristãos, dar também bom exemplo de vida honesta e crista, chamando-os assim, a ver o erro da sua vida e a seguir uma vida melhor, mais segura e feliz. Dar de graça o que de graça recebemos.

4ª Perg - Qual o seu parecer referente ao interdenominacionalismo?

Rêsp - Num trabalho próprio e legitimamente interdenominacional, a Juventude pode e muito bem cooperar, desde que não se refiram nem discutam os seus princípios doutrinários, guardando-se exclusivamente para a sua denominação. Deve-se, mesmo, estabelecer como princípio fundamental proibição absoluta dessa discussão ou referência. A Instituição é Juventude Académica e só assuntos académicos e cristãos podem e devem ser discutidos e tratados.

5ª Perg - Qual a sua impressão acerca do Jornal Juventude? Sugestões para uma possível melhoria.

Rêsp - Ideia bastante aceitável. (cont. pág 32)

TEMAS DE HOJE A ARTE

Actualmente, a arte contemporânea é conhecida por quase todos como uma brincadeira, alguma coisa de inexpressiva sem pés nem cabeça.

Porque será que os mesmos "críticos de arte", que infelizmente são abundantes, não discutem problemas científicos, como lançamento de satélites artificiais na órbita?

"Lá disso não percebo, - dirão eles - "não frequentei as Universidades" ...

Pois bem, não discutem ciências porque nada aprenderam a esse respeito, e com que direito falam de arte? Alguma vez se dedicaram ao seu estudo?

Custa-me ficar indiferente perante a atitude de desprezo que muitas vezes se verifica por uma das principais causas que distinguem o homem do animal.

É indubitavelmente o espírito de criação do homem, um facto primordial que o coloca à cabeça da criação.

Podemos encontrar duas correntes na produção humana, ambas distintas e necessárias; umas, as obras com fins materiais, outras, aquelas de fins espirituais. É nestas últimas que se encontra a arte, que teve as suas origens no Paleolítico Superior, há mais de 10.000 anos.

René Huyghe disse que a arte é uma espécie de respiração da alma, e, portanto, o homem e ela andam necessariamente ligados.

O leitor abstraia-se um pouco da realidade e verifique o que seria um mundo onde não existisse qualquer manifestação espiritual humana!

Como seria a nossa vida terrena?

JOAQUIM FERREIRA DA SILVA - Nascido em 1905.
 na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Curso de
 na Igreja Evangélica Metodista.

Longínqua já a manhã, e já acordado em meu
 febrilmente pensava.

A cabeça parecia querer estourar. A noite pe-
 fria sobre mim. Zunidos roucos batiam de encontro aos
 tímpanos, numa ância louca de os rasgar.

Esse dia que tentava despontar, era por mim
 há já longos meses.

PA R T I S T I E

O raiar lento dos
 seus ténues braços
 solstícios cresciam,
 primeiro em movimen-

languidos, trementes, qual bebé nos seus primórdios e de
 segantes passos.

Era o principio da transformação do irreal
 facto concreto, e para mim tão trágicamente palpável.

Depois...
 E aí começou a luta mais tremenda que em meus
 jamais pudera imaginar.

Eu dava começo nesse momento a uma corrida
 ca entre mim e o tempo, na reduzida pista desse dia.

O sol entrava agora em grandes golfadas pelas
 janelas do meu quarto.

E eu queria parar o tempo!
 Mas o dia lançava-se sobre mim, crescendo as-

tadoramente, avançava implacável, enchendo-me de luz numa
 tativa louca de me afogar na claridade sufocante e pesada
 se dia de sol.

Dia de sol!
 Mas Senhor, eu não queria luz, desejava sim
 ter-me sempre embalado na noite.

Eu não amava o dia que nascia.
 Não o desejava.
 Prescindia de bom grado dele.

Eu odiava-o.
 Perdoai-me vós que amais o sol, mas desde es-
 lia que o odeio. Quero a noite!

Não compreendeis, que é no seu regaço que me
 so leve, irreal, liberto do mundo e dos seus problemas,

do amor mesquinho do Homem, da hipocrisia da Humanidade!

Não! Vós não me podeis entender...!

Que é a noite para vós?
 O sentimento trágico do frio?

Pois desde que o sol nesse dia raiou, eu sinto a
 minha alma tristemente gelada.

Será a noite para vós visão fantasmagórica?
 E a minha alma que é senão o esfarrapado fantasma

do passado.
 É a noite para vós tenebrosa?

E eu que hei-de sentir, ao temer assustadoramente
 a própria alma!

Eu sei, vós quereis fuvir da noite!
 Mas eu!

Eu poderei abandonar a minha alma?
 Não!

Tu a abandonaste. Sim, quando partiste, eu senti
 que ma deixavas. Nesse leve acenar de mão que me dirigiste,

esse silencioso olhar que me lançaste, tudo se uniu no últi-
 mo adeus que me enviavas.

Acenando a mão, tu deixaste cair a minha alma!
 Abandonaste-a!

Apanhei-a.
 Vinha negra, triste, cançada, muito triste.

Cheguei a pensar que me enganara!
 Pensei que fosses outra. A alma de outrem que não

fosse eu.
 Porém, porque perdera a minha, ergui-te nos meus

braços.
 E...dura realidade, constatei que eras tu

Como vinhas abatida, ó minha alma!...
 Foi louca a dor que de mim se apossou!

Onde estava a alma bela, jovem, cheia de esperan-
 ça, plena de luz e de alegria, que no mar calmo da minha vi-

da, súbito vagalhão me arrebatara?
 Onde estavas tu ó minha alma que eu perdera?

Então... chorei!

Chorei porque partias!

Deixei que as lágrimas rolassem como lâminas que me lancetassem a alma. Romantismo?!

Talvez!

Era a saudade!

Chorei!

E porque não, se o tempo me havia derrotado na corrida célere que havíamos travado nesse dia?

Partiste!

Julguei poder morrer juntamente com a alma. Mas não, impiedosamente a vida queria que eu resistisse, rolando por entre as pedras soltas, desgastadas e cortantes desta vida, cá vou lentamente me arrastando, caindo ali ferindo-me acólá, mas, sem um momento estacar.

Pois o tempo ganhou, ele não pára!

Há que vegetar!...

Partiste!

Voltarás?

Só Deus o sabe!

Eu sei tu me esperas! E, como eu, anseias pelo nosso encontro; mas, enquanto esse dia não vem, se é que virá...

Deixa que eu mergulhe em busca da noite escura para esconder e descansar, aquilo que sou, após haveres partido...

Um farrapo vivo atado a um corpo morto! . . .



ANTOLOGIA

MANUEL BANDEIRA

Nascido no Recife nos fins do século passado, Manuel Bandeira é actualmente um dos maiores poetas Brasileiros e ao mesmo tempo da língua portuguesa.

Pela sua constância literária, o seu lirismo "muito português na raiz e muito brasileiro nos ramos", a modernidade e a técnica apurada dos seus versos ocupam um lugar à parte na história literária dos dois países, sendo um continuador da herança moderna dos grandes poetas que desde Camões têm surgido no nosso idioma.

DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora
De desalento ... de desencanto ...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

— Eu faço versos como quem morre.

Tersópolis, 1912
do livro "A cinza das Horas"

SONETO

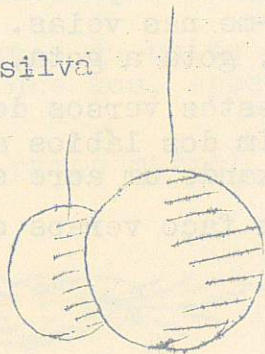
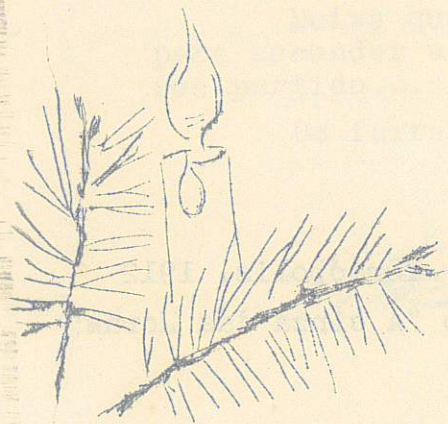
Era já noite, o dia h' muito findara.
 O céu estava lido e estrelado.
 Na escuridão, um débil ai soara,
 O Verbo da vida havia encarnado!

E uma estrela, do azul dos céus caíra.
 E qual subtil pérola tombada,
 Da abóboda infinital, que Deus criara
 Rolou, até na terra achar pousada.

Então um côro angelical sopu
 E uma voz cavernícula clamou:
 - Torcei-vos, rastejai, génios do mal.

Eis que acaba na terra de nascer,
 Quem, só em recordar, vos faz tremer.
 Curvai-vos Todos clamam - É NATAL!

joaquim silva



31
C
R
A
V
E
I
R
A
D
O
T
E
M
P
O

De todas as linguas novi-latinas, aquela que exprime com mais perfeição os estados da alma é, sem dúvida, a Língua Portuguesa.

Mais ainda que o "souvenir" francez, a nossa palavra SAUDADE é a mais penetrante e aquela que melhor assenta num coração sensível como é o dos Portuguezes.

A saudade mortifica-nos, transformando e debilitando o nosso estado orgânico, causando-nos dores no peito, falta de apetite e perturbações cardiacas e, bem assim, o nosso estado psíquico, motivando a depressão mental e o alheamento a tudo o que nos rodeia.

Temos saudade dos nossos tempos de Infância e cria-se em nós a ansia de voltar atrás na vida; sentimos saudade dos queridos que para sempre partiram deste mundo e, se nós pudéssemos, tudo daríamos para os tornar a ter junto de nós; assalta-nos a saudade de um passado em que, junto com outras pessoas amigas, passamos momentos felizes e então, é um nunca acabar de imagens do panorama que deslumbrou o nosso olhar. Enfim, para nós portuguezes, tudo é Saudade.

Onde em Portugal a Saudade se encontra mais dentro de nós é em Coimbra. Coimbra é, por si só, a Terra da Saudade. Ali ela far-vos-á ouvir o melodioso Rei-Trovador, tocando e entoando as mais harmoniosas cantigas de amor; ali a saudade deixar-vos-á ver Santa Isabel de Aragão protegendo os pobres e desvalidos.

A Saudade em Coimbra far-nos-á recuar até a escuridão dos tempos passados. É ali que está o Penedo da Saudade, um Penedo que fala, que ri e que chora. Um Penedo diferente dos outros porque tem vida, porque tem alma.

Atravessando os corredores deste ajardinado Lugar, para os estupefactos a ler as inscrições gravadas na Pedra, para como diziam os romanos, durarem enquanto dura o mundo. São estas inscrições o sentir sincero de muitos dos nossos grandes e inmortais

poetas, prosadores e doutores que da vida académica senti-
ram saudades por terem estudado, folgado e vivido em com-
pleta saudade. Meditando nestas inscrições e olhando o ho-
rizonte que ali nos rodeia, tudo foge, foge Coimbra, des-
faz-se o penedo, fica a saudade.

Ali estive e ali me ficou preza alma. Quando parti,
senti saudades sem saber porquê. E da Saudade que me fi-
cou até sinto saudades do penedo da Saudade.

----- 0 0 0 -----

(cont. pág. 25)

Não nos distinguiríamos dos outros animais, serí-
amos uns autómatos, sem sentimentos. Mas, tal não acontece-
rá, e assim, como temos uma alma, ela necessita, tanto
como o corpo, de respirar.

A arte pertence ao espírito, logo ela será infi-
nita.

----- 0 0 0 -----

(cont. pág. 24)

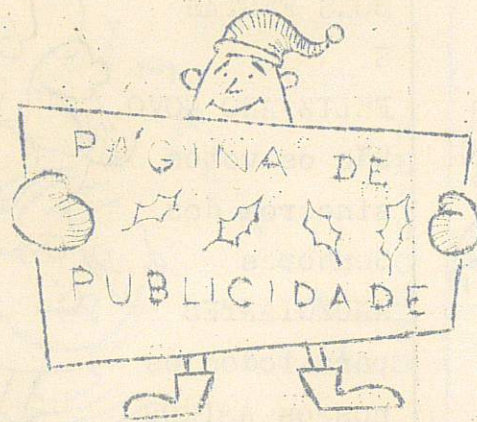
Devem, porém, ter sempre em mente os prin-
cípios atrás referidos, mencionadamente a ausência de
qualquer discussão doutrinal ou política.

Tínhamos chegado ao fim; não sem que ,
bastante surpresos pelo modo afável e consiso com que
respondeu sempre às nossas questões. Despedimo-nos de
S. Ex.^a Rev.^{ma} verdadeiramente agradecidos e com uma a-
legria interna que nos dá ânimo e confiança para o nos-
so trabalho.

Não estamos sós.

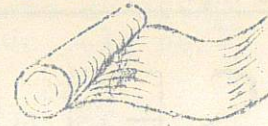
De JUVENTUDE um muito obrigado sincero.

----- 0 0 0 -----



MIZARELAS & C.^o

REC DOS
EXCLUSIVOS
NOVIDADES



Para homem
e Senhora

AGENTE: ALBINO CUNHA

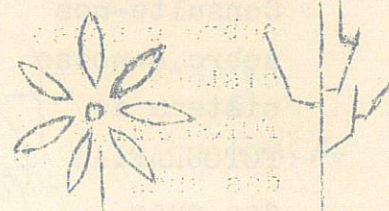
Rua Duque Loulé
n.º. 35 - 4.º. Esq.
Tel. 30030

PORTO

CASA FORTICOLA

Para sementes

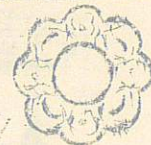
SEMENTES



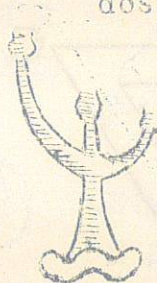
Rua Sá da Bandeira
n.º. 304 PORTO

ALBERTO

MARTINS
dos SANTOS



TRABALHOS



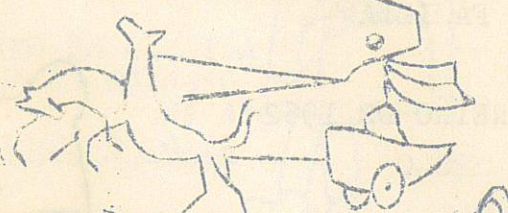
R. Pe. José
Pacheco Monte
n.º. 325

PORTO

EM PRATA

ALTOIDIS TIFELS

Ceras



TRIUNFO

V. N. DE GAIA

CASA SOARES

PAVIMENTOS ESCADARIAS
LAMEIS-LOUÇAS SANITARIAS

R. General Torres, 1450
(Largo dos Aviadores)
Tel. 390630

AV. N. GAIA

FOTOGRAFIAS

Consulte-nos sobre o nosso sistema de FOTOGRAFIAS das suas crianças no "SEU PRÓPRIO LAR"



Praça da República, nº 189
TEL. 24529 PORTO

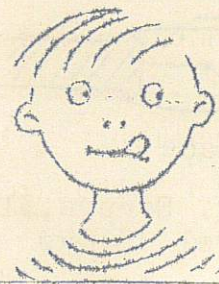
BOAS FESTAS

E FELIZ ANO NOVO São os votos sinceros dos Senhores ANUNCIANTES para todos os nossos AMIGOS LEITORES.



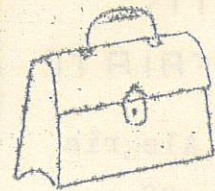
CHOCOLATES

Bons como IMPERIAL



MELHORES
L

A COMERCIAL de

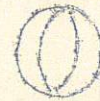
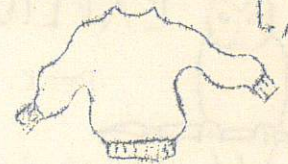


MACIEL & GRAÇA

MALAS, PASTAS e CARTEIRAS
Rua do Costa Cabral, 517
PORTO

EUGÉNIO COSTA

MALHAS E MIUDEZAS



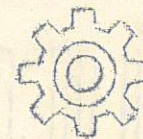
QUINQUILHARIAS E BRINQUEDOS

Rua do Bonjardim, 494
Tel. 24546 PORTO

MONTEIRO GUIMARAES & IRMÃO L. da



MAQUINAS E FERRAMENTAS para a INDUSTRIA

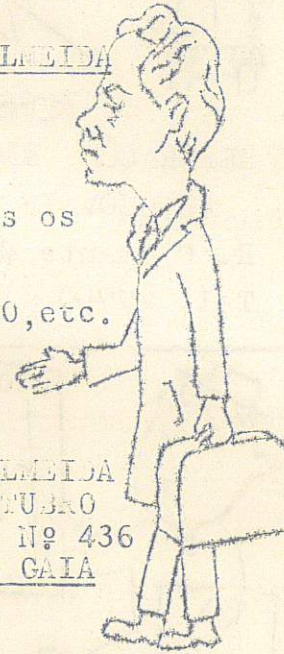


Rua do Almada, 294
Tel. 260557 PORTO

A capa deste número de JUVENITUDE foi oferecida pelo nosso irmão

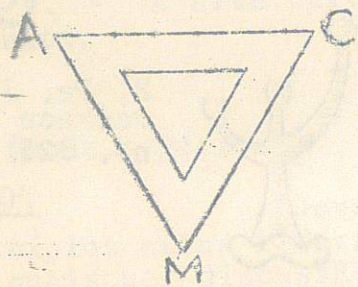
ERNESTO DE ALMEIDA

Executa todos os trabalhos de TIPOGRAFIA ENCADERNAÇÃO, etc.



ERNESTO DE ALMEIDA
RUA 14 DE OUTUBRO Nº 436
VILA NOVA DE GAIA

Leitor amigo, consulta-o no teu próprio interesse.



SELF - SERVICE

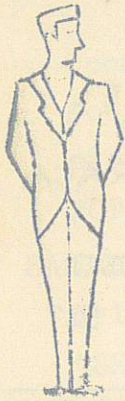
TERÁS OPORTUNIDADE, TU E TUA EX.MA FAMILIA DE

A PARTIR DE JANEIRO DE 1962 SERVIR-TE A TI MESMO POUPANDO TEMPO E DINHEIRO, NO SELF-SERVICE DA A.C.A.

ACEMISTA



GABARDINETS e SOBRETUDOS



ÓSCAR

ALFAIATE

Rua da Alegria
nº 293, 2º

Tel. 34392

P O R T O

SILVINO D'ALMEIDA
RELOJOEIRO

Concertos Garantidos



Máxima seriedade
e competência

R. Escura, 31-1º
Tel. 34079

P O R T O

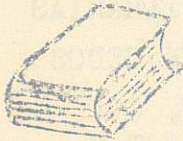
EXPLICAÇÕES



Prof. Dipl.

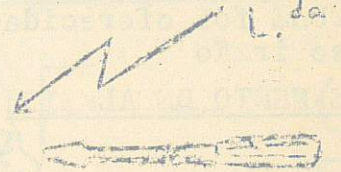
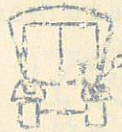
Rua 14 de Outubro
nº 446

Tel. 391265



VILA NOVA de
GAIA

AUTO BOBINADORA



REPARAÇÃO ELÉCTRICAS em
AUTOMÓVEIS e MÁQUINAS

R. Clemente Meneses, 95
Tel. 27750

P O R T O

L. E. R
P O R T U G A L

E V A N G E L I C O

CONTRIBUIR PARA A
EVANGELIZAÇÃO DE PORTUGAL



A
N
U
N
C
I
E

E M
J U V E N T U D E